A serpente e o milho | Isabella Tavares Sozza Moraes

Quando chegou a São Paulo, Beatrice Alighieri trazia duas malas, um léxico de provençal antigo e aquela espécie de altivez que certas famílias italianas conservam como se fosse prata lavrada. Nascera em Ravena, sob a tutela de campanários e pinheiros, e aprendera desde cedo a distinguir o rumor da História do mero estrépito dos homens. Aos quarenta e três anos, convidada a ensinar literatura italiana numa universidade paulistana, julgou que o exílio voluntário lhe acrescentaria gravidade. Em busca de uma cátedra, não pátria.

Instalou-se num apartamento antigo da avenida São Luís, onde as janelas, altas e fatigadas, recebiam à tarde a luz oblíqua do centro. Havia no edifício um elevador de ferro que gemia entre os andares, um porteiro que citava sambas sem sabê-lo e corredores impregnados do odor de cera e chuva. Beatrice dispôs os livros pelas paredes com zelo litúrgico. Dante ficou à cabeceira; Petrarca, junto à escrivaninha; Boccaccio, por uma cautela talvez moral, foi relegado à sala. Sobre o aparador pôs uma pequena serpente de prata, joia materna, enroscada em torno de uma esmeralda escura.

Nas primeiras semanas, percorreu a cidade como o decifrar de um códice danificado. A praça da República pareceu-lhe uma iluminura sobre a qual muitas mãos houvessem derramado fuligem; o viaduto do Chá, uma frase suspensa entre duas margens; a rua da Consolação, um nome excessivamente cristão para tamanho desassossego. Tudo lhe era bárbaro e, por isso mesmo, sedutor. Todavia, ao anoitecer, quando regressava das aulas, sentia que a multidão a atravessava sem

reconhecê-la. A solidão, pensava, é a língua estrangeira que ninguém precisa estudar.

Foi numa terça-feira de junho que viu pela primeira vez Amaro dos Reis. Chovia pouco, mas com pertinácia. Sob a marquise de um cinema extinto, ele empurrava um carrinho de pipocas cujo metal polido recolhia em fragmentos as luzes dos automóveis. Tinha quarenta e seis anos, cabelos já tocados de cinza e um rosto em que a bondade não se oferecia de imediato: era preciso esperá-la, como se espera que o milho se abra ao fogo. Usava camisa branca, colete de lã e um chapéu antigo, impróprio para o ofício e para o século.

Beatrice deteve-se porque o aroma lhe recordou as feiras de sua infância. Pediu um pacote, articulando as palavras com muito cuidado, no sentido de atravessar pedras molhadas.

— Com sal ou com açúcar? — perguntou Amaro.

— Com memória — respondeu ela, sem sorrir.

Ele ergueu os olhos. Não se admirou da resposta.

— Essa é mais cara. A memória nunca cabe inteira no saco.

Beatrice sorriu então, contrariada por haver encontrado, num pipoqueiro, a réplica que muitos professores não teriam sabido dar. Voltou no dia seguinte. Depois, tornou a voltar, sob o pretexto de que o caminho entre a universidade e sua casa passava necessariamente por aquela marquise, embora para isso precisasse alongá-lo em três quarteirões.

Amaro nascera no Bixiga, filho de uma costureira baiana e de um tipógrafo português. Estudara somente até onde a urgência permitira, mas lia os livros abandonados nos bancos, comprados por moedas em sebos ou recolhidos depois das feiras. Conhecia de cor trechos de Camões,

algumas páginas de Machado e um soneto de Petrarca numa tradução já sem capa. Não se vexava do carrinho. Dizia que o milho era a mais honesta das criaturas: posto ao suplício, revelava o avesso de si e se fazia maior.

— É uma pequena ressurreição — observou Beatrice.

— Ou uma vaidade — replicou ele. — Cresce e fica oco.

Ela levou essa frase para a aula. Falando aos alunos sobre a soberba, citou "um pensador popular do centro de São Paulo". Amaro riu quando soube.

— Pensador popular é um modo comprido de não dizer pipoqueiro.

Beatrice corou. Foi a primeira advertência, delicada como o sulco inicial de uma lâmina. Ela a beijou para não responder. Amaram-se sem juventude e, talvez por isso, sem desperdício. Beatrice passou a descer todas as noites para ajudá-lo a guardar os frascos, dobrar a lona e empurrar o carrinho até uma garagem da rua Aurora. Amaro subia com ela, trazendo nos bolsos grãos que apareciam depois entre os livros, sob o tapete, dentro das xícaras.

Aos domingos, cozinhavam em silêncio: ela preparava polenta; ele, café forte. Às vezes, Beatrice lia em italiano, e Amaro, de olhos fechados, adivinhava pelo ritmo quando os versos desciam ao inferno ou contemplavam estrelas. Casaram-se numa manhã sem solenidade. Duas testemunhas, flores amarelas e um almoço modesto numa cantina. Ela conservou o sobrenome; ele conservou o carrinho. À noite, Amaro ofereceu-lhe um caderno encadernado à mão.

— Para o livro que fará seu nome atravessar o oceano.

Na primeira página escrevera, com letra lenta: "Àquela que sabe que

toda palavra, antes de ser glória, foi fome."

Beatrice publicou um estudo sobre as imagens da privação na poesia medieval; depois outro, mais audacioso, acerca das vozes humildes na tradição italiana. Sua escrita era severa, luminosa e armada de erudição. Os convites chegaram: congressos, bancas, conferências, homenagens. O apartamento encheu-se de separatas e placas. Repórteres a procuraram. Discípulos passaram a repetir-lhe os gestos, a inclinação da cabeça, até certas pausas que ela empregava antes das palavras decisivas.

Amaro continuava sob a marquise, agora diante de uma farmácia. O cinema fora demolido, mas ele guardara uma letra de bronze do letreiro (um A), dizendo que toda ruína devia preservar ao menos o princípio do alfabeto. Beatrice utilizava as observações dele nos artigos. A metáfora do milho tornou-se, sob sua pena, "o paradigma plebeu da transfiguração"; a cidade-códice, que aprendera com as caminhadas ao lado dele, converteu-se em "hermenêutica da matéria urbana". Às vezes citava "um informante anônimo". Quase nunca dizia Amaro.

Ele não reclamava. Ajudava-a a preparar as malas e esperava o regresso com flores compradas no fim da feira. O amor, para ele, não era uma balança. Era uma casa: não se pesa o teto que nos abriga.

Mas Beatrice começou a sentir vergonha (não dele), dizia a si mesma, mas da curiosidade alheia. Nos jantares acadêmicos, quando perguntavam pelo marido, respondia que trabalhava "com alimentação". Depois, que era "pequeno comerciante". Finalmente, que vivia "retirado por razões de saúde".

Cada eufemismo parecia-lhe uma peça de seda lançada sobre

uma verdade áspera. Não percebia que a seda, em muitas camadas, também sufoca. A serpente de prata, que por anos dormira no aparador, passou a acompanhá-la nos dias de cerimônia. Beatrice prendeu-a primeiro ao casaco, depois ao vestido, à altura do coração. A joia emprestava-lhe uma elegância antiga. Sob as luzes dos auditórios, a esmeralda parecia um olho atento.

Quando recebeu o mais alto prêmio de sua carreira, uma emissora enviou equipe ao apartamento. Amaro, avisado de que a sala seria transformada em estúdio, saiu mais cedo com o carrinho. Porém a chuva, súbita e volumosa, obrigou-o a regressar. Parou no corredor ao ouvir a voz da mulher através da porta entreaberta.

— Professora — perguntou a entrevistadora —, houve alguém decisivo em sua trajetória? Alguém que tenha sustentado sua vocação nos anos difíceis?

Fez-se uma pausa. Do corredor, Amaro distinguiu o leve atrito do broche contra o tecido.

— Minha obra nasceu de uma solidão radical — declarou Beatrice. — Não tive companheiro de percurso. Tudo quanto alcancei devo à disciplina e à fidelidade absoluta aos livros.

Amaro permaneceu imóvel. Trazia na mão um saco de milho, e os grãos, comprimidos por seus dedos, produziram um rumor miúdo, semelhante a dentes batendo de frio.

A entrevistadora insistiu:

— E seu estado civil?

— Viúva — respondeu Beatrice.

Não houve ênfase nem hesitação. A palavra saiu perfeita, polida,

definitiva. No mesmo instante, a serpente desprendeu-se do vestido e caiu sobre o assoalho. A equipe interrompeu a gravação; alguém se abaixou para apanhar a joia. Do lado de fora, Amaro compreendeu que certos homens morrem primeiro na linguagem e somente depois no corpo.

Ele desceu sem entrar. Levou o carrinho até a praça, embora a chuva apagasse a chama e encharcasse os sacos de papel.

Ficou sob uma árvore, olhando o milho cru. Durante tantos anos, acreditara que o fogo revelava a essência; naquela noite percebeu que também podia consumi-la sem revelação alguma.

Beatrice encontrou-o de madrugada na cozinha. O chapéu escorria sobre a mesa. Amaro segurava o caderno que lhe dera no dia do casamento. A dedicatória estava aberta.

— Ouvi a entrevista — disse ele.

Ela levou a mão ao peito. Faltava-lhe a serpente.

— Você não compreende. Essas pessoas transformam tudo em anedota. Minha vida privada não pertence ao público.

— Então por que não a guardou? Por que precisou matá-la?

— Foi apenas uma palavra.

— É assim que vocês, os que vivem das palavras, chamam o veneno quando são vocês que o destilam?

Beatrice tentou abraçá-lo. Amaro recuou com uma dignidade tão serena que ela sentiu, pela primeira vez, a inteira distância entre ambos. Não era a distância entre a universidade e a rua, entre Ravena e o Bixiga, entre Dante e um carrinho de pipocas. Era a distância entre o amor oferecido e o amor reconhecido.

— Eu fiz tudo por nós — disse ela.

— Não. Você fez tudo de nós.

Amaro fechou o caderno. Não a abandonou. Talvez porque ainda a amasse; talvez porque, em sua ética sem tratados, uma promessa não perdesse o valor quando o outro a aviltava. Continuou a dormir ao lado dela, a preparar-lhe o café, a perguntar pelos alunos. Contudo, algo se retirara de seus gestos. Era como se executasse, com exatidão, os ritos de uma religião na qual já não encontrava Deus.

Beatrice pediu perdão muitas vezes, mas sempre acrescentava uma razão. O medo do ridículo, a crueldade do meio, a necessidade de proteger a obra. Cada justificativa era uma nova escama. Amaro escutava e via crescer diante de si não a mulher que amara, mas uma criatura fria, longamente enroscada na árvore do prestígio.

A serpente não estava no broche perdido: estava na sintaxe de Beatrice, nas orações sinuosas com que ela contornava a culpa sem jamais atravessá-la. Pouco a pouco, Amaro deixou de abrir o carrinho. Dizia que o peito lhe pesava. Os médicos nomearam uma insuficiência, prescreveram comprimidos, recomendaram repouso. Nenhum exame registrou o desgosto, esse hóspede arcaico que a ciência, por pudor, costuma hospedar sob nomes latinos. Ele emagreceu. Suas mãos, outrora marcadas por pequenas queimaduras, ficaram transparentes.

Beatrice alcançou, nesse mesmo período, a culminância. Seu grande livro, A dignidade das vozes menores, foi traduzido em cinco línguas. Recebeu uma cadeira honorária em Florença e outra em Paris. Na conferência de consagração, falou sobre a obrigação moral de escutar os silenciados. A plateia levantou-se. Ela curvou a cabeça sob os aplausos, e por um instante ouviu, entre as palmas, o crepitar de centenas de grãos

abrindo-se ao fogo.

Voltou a São Paulo antes do previsto. Encontrou Amaro junto à janela, contemplando a avenida. O centro parecia um mar de faróis, e a noite, uma vasta página ainda não escrita.

— Trouxe o livro — disse ela, colocando o volume em suas mãos. — Está dedicado a você.

Amaro abriu-o. Leu: A A., presença discreta nos anos de elaboração.

Sorriu sem amargura. Essa ausência de cólera feriu-a mais que uma acusação.

— Até na gratidão você me abrevia.

Beatrice ajoelhou-se diante dele. Pela primeira vez não procurou argumento.

— Diga-me o que fazer.

— Diga meu nome quando já não servir para me salvar.

Morreu naquela noite, sentado na poltrona, com a mão pousada sobre os cabelos dela. Ficaram juntos até a morte, como haviam prometido; mas a promessa, cumprida na letra, jazia desonrada no espírito. Quando os homens da funerária vieram buscá-lo, encontraram no chão um único grão de milho. Beatrice o recolheu e o guardou no lugar da serpente.

Nos anos que lhe restaram, tornou-se ainda maior. Institutos levaram seu nome; teses examinaram suas teses; jovens pesquisadores viajaram para ouvi-la pronunciar, com sotaque intacto, os versos da antiga língua. Ela recusava perguntas biográficas. Em toda conferência, contudo, antes de iniciar o tema anunciado, contava a história de Amaro dos Reis, pipoqueiro do centro de São Paulo, leitor de Camões e inventor de

metáforas que outros assinavam.

Contava-a sem ornamentos, pois aprendera tarde que a verdade não necessita de palavras altas. Dizia também que seu livro mais célebre nascera das conversas com ele e que a autora, por ambição e covardia, negara em público o homem que em segredo a sustentara. Alguns ouvintes julgavam tratar-se de recurso retórico. Outros admiravam a confissão como prova de grandeza. Beatrice aceitava até esse último equívoco, sabendo que a vaidade é capaz de fazer um trono com o próprio arrependimento.

Envelheceu no apartamento da avenida São Luís. Já não havia serpente sobre o aparador, nem esmeralda, nem prata. Havia somente o grão ressequido dentro de uma redoma de vidro. Às tardes, quando a luz incidia sobre ele, Beatrice via uma coisa mínima, cerrada em si, que jamais se entregaria ao fogo.

Na véspera de morrer, chamou uma antiga aluna e lhe confiou o caderno do casamento. Pediu que, se algum dia escrevessem sua biografia, não dissessem que fora viúva antes do tempo, nem que vencera sozinha, nem que a erudição a redimira.

— Escreva apenas — murmurou — que uma serpente pode conhecer todos os nomes do paraíso e ainda assim ignorar o amor.

Depois fechou os olhos. Lá embaixo, na rua, um pipoqueiro desconhecido acendeu a chama. O primeiro estouro subiu entre os edifícios com a nitidez de uma palavra, enfim, verdadeira.